

# COMUNICAÇÃO

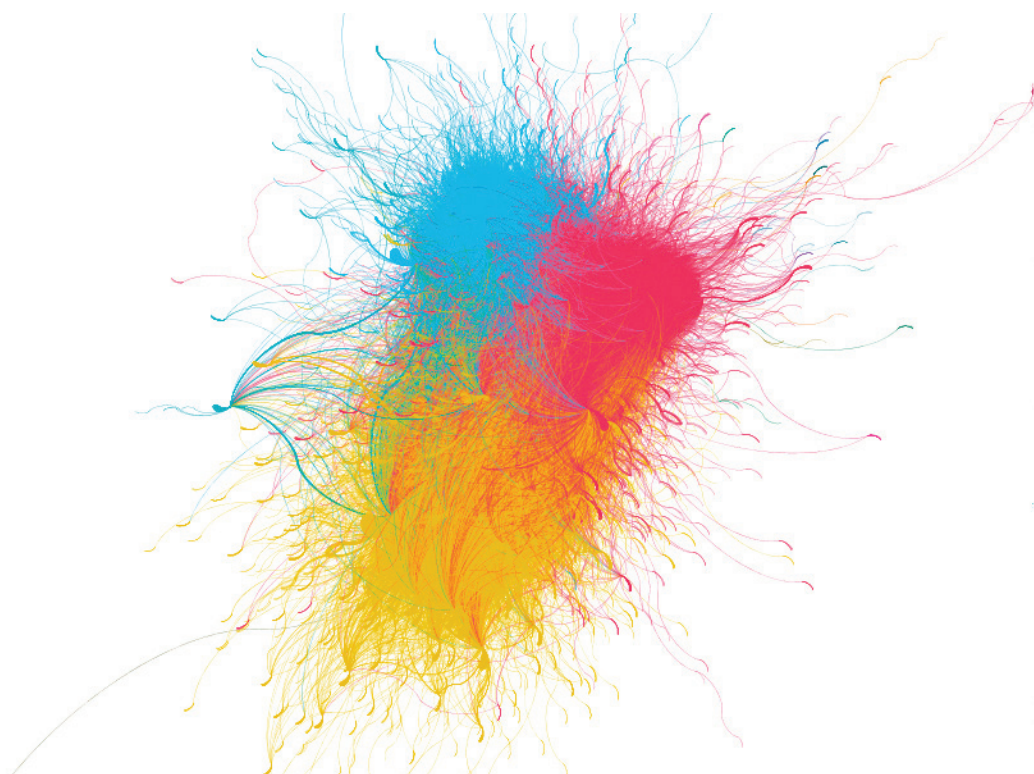
*Esta seção analisa o comportamento dos usuários do Twitter no dia em que o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) livrou a chapa Dilma-Temer da cassação e o posicionamento editorial da grande imprensa acerca do tema. Na análise internacional, os principais jornais destacam a fragilidade do governo Temer.*

## Temer e uma rara mobilização nas redes sociais

Entre os dias 18 de maio e 18 de junho foi capturado mais de um milhão de ocorrências com o termo “Temer” no Twitter. O nome aparece principalmente ligado aos escândalos envolvendo a JBS e Joesley Batista, após denúncias divulgadas pelo jornalista Lauro Jardim em sua coluna do jornal *O Globo*.

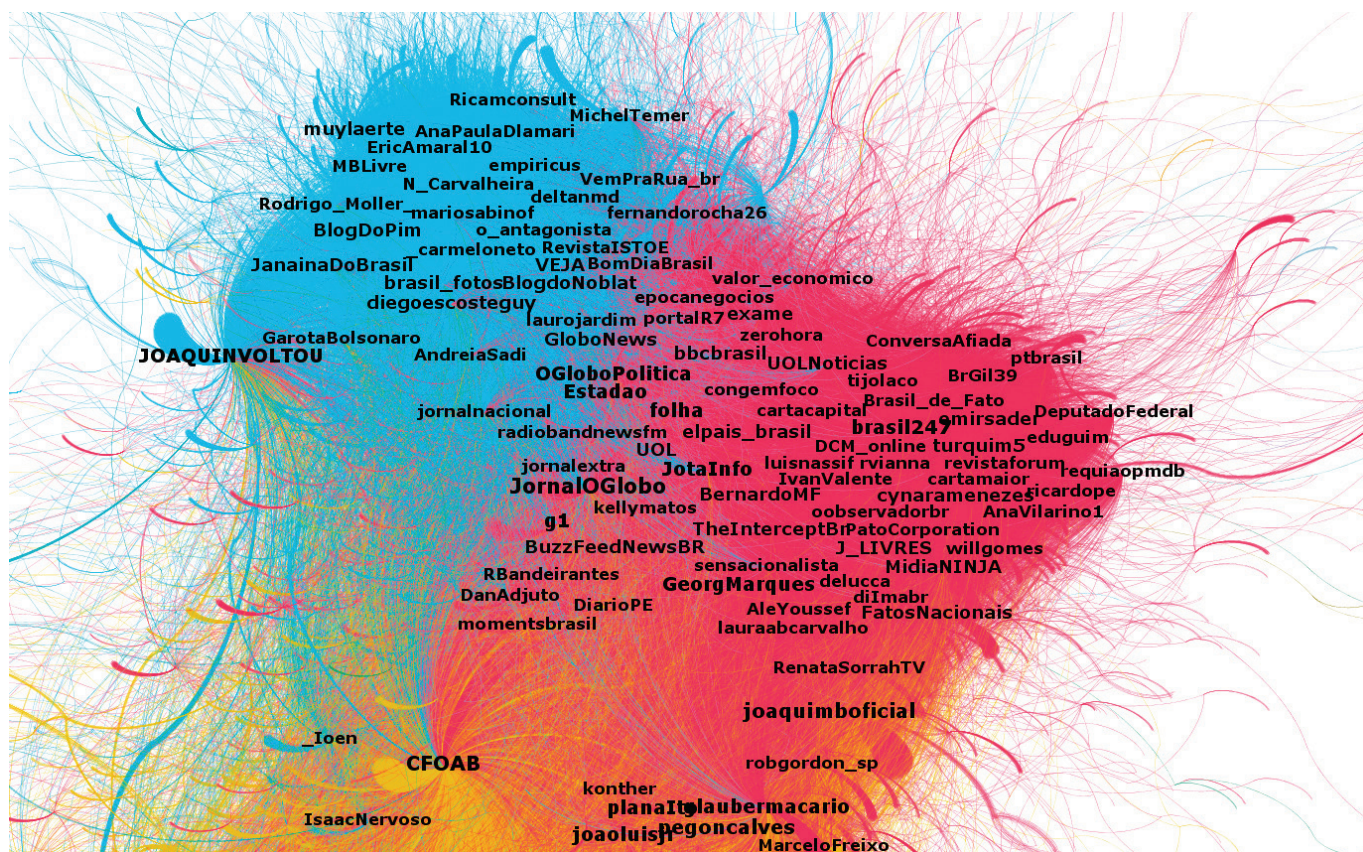
No grafo retratado abaixo, estão representados 181.978 perfis e 441.660 arestas (menções, retweets e follows).

Destes, registram-se três agrupamentos principais, que reúnem, juntos, 97,01% de todo o grafo: direita/reacionária [azul], com 14,38% do agrupamento, esquerda/progressista [vermelho], com 38,31% e, talvez, o mais importante para compreendermos o período: 44,32% de todo o grafo concentra-se no grupo amarelo. A questão é: quem são os usuários que formam esse agrupamento?



Entre os agrupamentos que concentram usuários alinhados ideologicamente à esquerda e à direita, a polarização já é um retrato recorrente nas análises de pesquisas ligadas à política brasileira. Essa polarização concentra, diretamente, 52,69% de todo o grafo e canais da imprensa [*OGloboPolítica, Estadão, JornalOGlobo, JotaInfo, jornalnacional, jornalextra, GloboNews, laurojardim, g1, Folha, epocanegocios, portalr7, VEJA, RevistaSTOE, bbcbrazil, UOLNoticias,*

*elpais\_brasil*, entre outros] que tiveram uma participação essencial nesse período. Foram veículos e funcionários da Globo que denunciaram o maior escândalo do governo Temer até aqui. A partir daí, assistimos a uma ofensiva até então inédita da Globo contra o governo Temer, o que a aproximou consideravelmente dos canais do agrupamento de esquerda/progressista [**vermelho**].

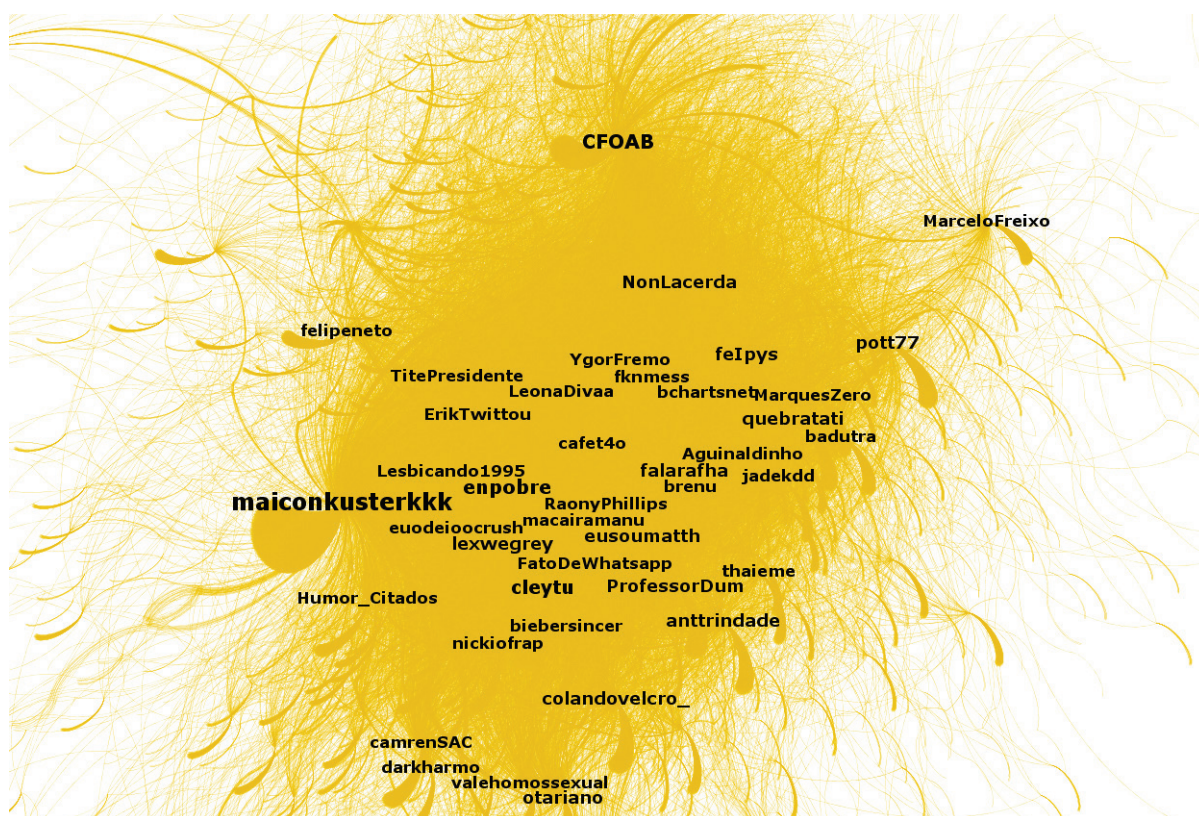


Durante o período, observamos, pela primeira vez, movimentos que se posicionaram anteriormente a favor do impeachment de Dilma Rousseff se posicionarem, dessa vez, contra o governo Temer. É o caso de *MBLivre* e *VemPraRua\_br*, por exemplo. *JanainaDoBrasil*, uma das mais atuantes durante o processo de impeachment, também esteve entre as mais ativas durante o período no agrupamento de direita/reacionário representado pela cor azul. Observaremos, mais adiante, que tal movimento não é algo orgânico e impulsionado apenas por vontade própria de seus organizadores e líderes, mas sim uma resposta à uma mobilização de outros atores, o que tornou insustentável o silêncio desses movimentos diante dos casos de corrupção

denunciados no governo Temer.

Entre os principais atores da esquerda/progressista no Twitter durante o período, destacaram-se mais uma vez movimentos que buscam fomentar uma alternativa à cobertura oferecida pela grande mídia: *Brasil\_De\_Fato*, *Revistaforum*, *cartamaior*, *cartacapital*, *tijolaco*, *MidiaNINJA*, *J\_LIVRES*, *luisnassif* e *TheInterceptBr*, por exemplo, foram alguns dos principais usuários do agrupamento **vermelho**.

O que pode justificar a queda da popularidade de Michel Temer foi a mobilização de outro agrupamento, pouco alinhado ou interessado em engajar-se com a polarização política brasileira registrada nas redes sociais online: o **amarelo**.



É integrado por entidades representativas – como é o caso do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil – até mesmo *youtubers* e outros. Esses usuários atuam com temas do cotidiano, programas, séries e temáticas ligadas ao público jovem/adolescente [provas, escola, Enem, entre outros]. Assim, é possível afirmar que a derrota de Temer, ao menos nas redes sociais online, necessariamente passa pelo engajamento desses usuários em um tema que não lhes é regular nas abordagens cotidianas.

Em suma, reforça-se a noção de que não se trata de “furar a bolha” ou “viralizar”, como pregam alguns profetas da lógica das redes sociais online nos dias de hoje. Trata-se, mais do que nunca, de engajar segmentos das redes que outrora não se manifestavam em relação à política com a necessidade – e seriedade – essenciais para os dias que vivemos.

Além de gerar picos de engajamento em torno de pautas específicas esporádicas nas redes sociais online, é importante observar esses temas para aproximar-se, mais do que nunca, de agrupamentos que possibilitem ampliar o diálogo entre os grupos e, assim, fomentar o debate sobre assuntos essenciais para o povo brasileiro.

### Fora Temer divide a grande imprensa

No dia seguinte à decisão do TSE que livrou a chapa Dilma-Temer da cassação, *O Globo* reafirmou sua posição pela saída de Temer. De acordo com o editorial publicado no dia 10 de junho, “Temer vence batalha, e TSE erra o passo”, o Tribunal perdeu a oportunidade de se equiparar a outras instituições no combate a corrupção. O texto referiu-se à atuação do Supremo Tribunal Federal, do juiz Sergio Moro, da força-terefa da Operação Lava Jato, do juiz Marcelo Bretas e de Vallisney de Souza Oliveira, da 10ª Vara Federal de Brasília. Por último, afirmou que o lado positivo desses dias tensos é que as instituições do país continuam a funcionar.

Já o jornal *O Estado de São Paulo* defendeu a decisão do TSE. Em seu editorial “Para que juízes?” relativizou o resultado do julgamento e criticou o messianismo que se instalou em uma espécie de caçada aos corruptos. Para o *Estadão*, a histeria é tão grande que os votos contrários à cassação foram imediatamente considerados tendenciosos. O texto destacou uma postagem na internet de um dos procuradores que coordena a Lava Jato em que ele faz duras críticas aos ministros do TSE. De acordo com o jornal, “o TSE existe apenas para analisar

questões eleitorais. Sua função é zelar pela lisura das votações e de seus resultados. Qualquer acusação fora desse escopo, por mais grave que seja, foge da competência do tribunal. Isso não significa impunidade, e sim respeito ao Estado de Direito. Em segundo lugar, as delações dos executivos da Odebrecht, ainda que acrescidas de planilhas e números de contas correntes, não podem ser vistas como provas incontestáveis. Por mais convincentes que possam ser, são apenas indícios, os quais devem passar ainda por um processo de verificação e submetidos ao contraditório”.

### Temer fragilizado

As reportagens feitas pela imprensa estrangeira relatam que o governo de Michel Temer está extremamente fragilizado. O resultado do julgamento no TSE foi noticiado por toda a imprensa internacional que parecia não acreditar na decisão. Todas essas reportagens feitas por jornais da Inglaterra, Portugal, Espanha, Estados Unidos, França e outros países avaliaram que o TSE não acabou com a possibilidade de que Michel Temer venha a deixar o cargo. São muitas as suspeitas que o cercam.

O *Le Monde* trouxe as análises mais interessantes. O cientista político Paulo Baia afirmou que “o TSE salvou o governo Temer e seu programa de reformas, mas ele vai provocar o desencantamento dos brasileiros, acentuando o divórcio entre o mundo político e a sociedade”. Laurent Vidal, historiador e professor convidado na UFRJ declarou que “há uma forma de fadiga. Uma fadiga inquietante, porque é também uma fadiga da democracia”. Norman Gall, do Instituto Fernand-Braudel, *think tank* econômico baseado em São Paulo, disse que “o Brasil entrou em uma crise muito mais profunda do que ele imagina”.

Os sinais de fraqueza começaram a ser apontados pelos jornais de outros países no final de maio, depois da divulgação da conversa entre Joesley Batista e Temer.

Quando a manifestação organizada pelas centrais sindicais em Brasília foi alvo de repressão policial, a decisão de convocar as Forças Armadas para restabelecer a ordem passou muito longe de ser acer-

tada, e isso ficou evidente nas entrevistas que os jornais estrangeiros fizeram com especialistas.

André Cesar, analista político da empresa de consultoria Hold, declarou ao francês *Le Monde* que a medida “mostra que o governo perdeu todo controle, é um sinal muito ruim para nossa democracia”. Jairo Nicolau, professor de Ciências Políticas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) disse ao *New York Times* que convocar os militares foi um “erro” que pode “sinalizar a fraqueza do governo”.

No dia 26 de maio, o jornal nova-iorquino publicou reportagem sobre a produção de memes que ironizavam Michel Temer e o restante da classe política. O periódico cita uma tentativa do Planalto para restringir esse tipo de material limitando a utilização de fotos oficiais apenas para fins jornalísticos. Essa publicação ainda trata do levantamento feito por um órgão chileno chamado Latinobarómetro que acompanha a visão política na América Latina. De acordo com a instituição, o nível de confiança dos brasileiros na democracia está caindo vertiginosamente.

No mesmo dia, o francês *Libération* publicava a reportagem “Temer, o “destituidor”, se aproxima da destituição”. O texto que também aponta a convocação das Forças Armadas como um sinal de fraqueza do governo, questiona ironicamente como é que um cacique do partido mais antigo do país se deixou cair em uma armadilha como a que Joesley Batista preparou. O cientista político e professor da UFMG, Fábio Wanderley Reis, afirmou para o jornal que o envolvimento de Temer com corrupção não é uma surpresa: “o PMDB, sabe-se há muito tempo, está no coração do sistema de corrupção que infesta as relações políticas”.

Em 27 de maio, a revista *The Economist* avaliou a situação do governo. Segundo a reportagem, as acusações contra Temer são muito mais fortes do que as que foram utilizadas para a destituição de Dilma, mas as chances de que ele consiga permanecer no cargo seriam maiores. A revista aponta, assim como vários outros veículos, a reação de Temer quando Joesley conta que conseguiu comprar dois juízes e um promotor como o ponto mais impressionante da conversa. Na sequência, a reportagem mostra a complexidade para a sucessão de Temer. Primeiro,

porque qualquer um eleito pelo Congresso carregaria o estigma de ter sido colocado no cargo por um parlamento completamente cercado por corrupção, e depois, porque os presidencialistas têm algum tipo de relação com o escândalo de corrupção ou não agradam à elite política. Rodrigo Maia está sendo investigado, Cármen Lúcia não é bem aceita pela classe política, Henrique Meirelles foi diretor da JBS durante anos e Nelson Jobim trabalhou para o banco BTG Pactual. As ligações desses dois últimos personagens costumam ser frequentemente “esquecidas” pela grande imprensa brasileira.

Ainda no final de maio, o *New York Times* publicou uma reportagem sobre como o combate à corrupção causava instabilidade política no Brasil. Nela, o cientista político e professor da Universidade Cornell, Ken Roberts, comparou a Lava Jato com a operação Mãos Limpas realizada na Itália que visava limpar o sistema político, “mas no processo de fazer isso, o sistema de partidos que ancorava o regime democrático no período pós guerra, basicamente, se desintegrou”, e completou, “você acabou ficando com um vácuo político que foi preenchido por um outsider populista, o Berlusconi”. Por último, o professor se disse preocupado, “eu realmente me preocupo com como seria um Berlusconi brasileiro”. O jornal americano ainda publicou um artigo do diplomata brasileiro Paulo Sérgio Pinheiro em que ele classifica a destituição de Dil-

ma Rousseff como ridícula, afirma que Temer perdeu o apoio político e conclui que o Brasil precisa de um novo presidente, mas que seria absurdo se ele fosse eleito por esse Congresso.

No início de junho, o jornal português *Diário de Notícias* apontava o desejo de deputados jovens em retirar seus partidos da coalizão governamental. Reportagens semelhantes foram publicadas nos Estados Unidos e França. O periódico português ainda publicou uma notícia sobre a trajetória recente de Aécio Neves, “De quase presidente a cadáver político em dois anos”.

*New York Times*, *Economist* e *Le Monde* publicaram reportagens sobre a expectativa com relação ao julgamento no TSE. Os dois primeiros avaliavam que a saída de Temer poderia ser o fim das reformas de que o Brasil “necessita”. Já o jornal francês apontou que Temer estaria “isolado, recluso e impopular”. O cientista político e professor da UFRJ, Paulo Baía afirmou que a crise só aumenta de hora em hora enquanto Michel Temer continua na presidência. O professor ainda analisou o comportamento dos brasileiros, “o povo brasileiro está em estado de choque, afundado em uma letargia que explica porque ele não está nem revoltado nem se insurge”. Joaquim Barbosa, ex-presidente do STF, disse ao *Le Monde* que a situação é desastrosa e que o Brasil perdeu o seu lugar na cena internacional.